

O Teosofista

Ano XIV - Número 168 - Edição de Maio de 2021

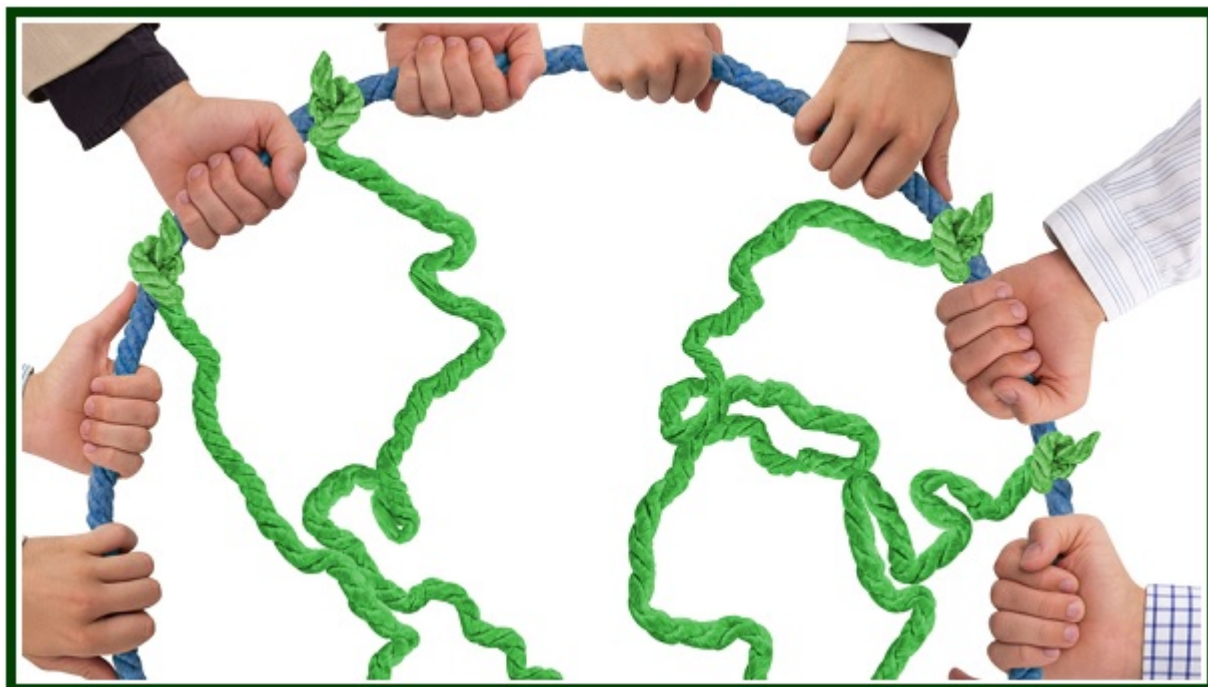
Publicação Mensal da Loja Independente de Teosofistas e seus Websites Associados

Email: indelodge@gmail.com - Facebook: [SerAtento](https://www.facebook.com/SerAtento) e [FilosofiaEsoterica.com](https://www.facebook.com/FilosofiaEsoterica.com)



000

Cooperação e Competição Na Caminhada Espiritual



Em 2021, estudantes da Loja Independente de Teosofistas trocaram ideias sobre estas palavras de um Mestre de Sabedoria, escritas no século 19:

“Um grupo de estudantes das Doutrinas Esotéricas que queira obter qualquer proveito espiritual deve estar em perfeita harmonia e unidade de pensamento. Cada um, individual e coletivamente, deve ser, no mínimo, *totalmente altruísta*, gentil e pleno de boa vontade em relação a cada um dos outros. (...) O que fere um deve ferir o outro - aquilo que alegra ‘A’ deve encher ‘B’ de prazer.” [1]

Esta é também a fórmula da felicidade nas relações familiares e em vários âmbitos da vida em que a nobreza da alma é necessária.

Se for encarada de modo literal, a exigência está acima das possibilidades da sociedade materialista de hoje.

As palavras do mestre apontam para um ideal a ser buscado constantemente, nunca esquecido, e mantido sempre diante de si por aquele que busca a verdade. Mas o princípio do realismo e do bom senso são igualmente importantes.

Cabe manter os pés firmemente colocados no chão. Vale a pena transcender o fingimento das relações “aparentemente corretas”. A hipocrisia costuma terminar em ódio aberto. Os Mestres da Sabedoria Oriental rejeitam acima de tudo a insinceridade.

No plano consciente, todos os teosofistas têm motivações altruístas. No plano subconsciente, que normalmente é mais decisivo, a situação pode ser muito diferente. Um pouco de psicanálise ajuda.

É praticamente inevitável observar inveja, competição e desarmonia nas relações entre os peregrinos durante a caminhada espiritual.

O estudo da história do movimento teosófico mostra que mesmo a relação entre codiscípulos avançados raramente atende por completo a exigência do mestre, pelo menos quando vivem na atual civilização materialista. Podemos dizer isso porque Helena Blavatsky foi injustamente atacada por estudantes avançados como Henry Olcott e Subba Row, para não mencionar outros exemplos, o que seria fácil documentar, mas desviaria o assunto.

Cabe apenas registrar que implícito na advertência do Mestre está o fato de que, na ausência de respeito e harmonia nos pensamentos mútuos alimentados pelos colegas de caminhada, o carma amadurecerá com rapidez, e o avanço espiritual deles estará bloqueado. Não bastam palavras amáveis: a lei do carma registra os pensamentos, os sentimentos, e a motivação das ações. A luz astral é o arquivo do carma.

A humanidade vive momentos difíceis. Ela necessita de exemplos vivos de fraternidade. O movimento teosófico foi criado para dar este exemplo. É o seu primeiro objetivo.

E no entanto é fácil constatar que o fenômeno doentio da competição entre peregrinos espirituais está amplamente presente - velada e ostensiva - no movimento esotérico. O fato deixa claro que os teosofistas não habitam uma torre de marfim, mas compartilham os desafios da humanidade.

Feita esta constatação, vejamos duas das causas do mal-estar entre pessoas que se deveriam ajudar sem reservas, e têm fortes motivos para serem totalmente sinceras umas com as outras.

PRIMEIRO

Um dos fatores nas dificuldades entre colegas resulta da lei do menor esforço, pela qual cada um busca subconscientemente alcançar sua meta pelos meios mais fáceis que puder.

Se o peregrino tem como meta subconsciente sentir que é sábio e iluminado, ele tem dois caminhos principais diante de si. O caminho difícil é o caminho da verdade. Neste esforço árduo ele terá de lutar com seus próprios erros. O caminho fácil é o caminho da ilusão. Nele o peregrino superficialmente feliz tem a ajuda providencial da fantasia colocada a serviço do autoengano.

No caminho adocicado do menor esforço, o peregrino pensa que é mais evoluído que os seus colegas. O seu subconsciente e a sua imaginação involuntária cumprem uma tarefa básica

para a autoilusão: exagerar os defeitos dos outros, inventar neles falhas que não existem, e inflar a aparência espiritual de si mesmo.

Ao exagerar defeitos dos seus colegas, o peregrino ingênuo justifica sua preguiça e adota a tese de que não é preciso fazer um esforço para melhorar a si mesmo.

Ao considerar seu irmão de caminhada como “não OK”, o resultado é que ele fecha os olhos para as suas próprias derrotas. O outro deixa de ser tratado como seu irmão, e passa a ser usado como bode expiatório. O lucro neurótico desta forma de autoengano em seguida gerará raiva dos seus colegas, ou de alguns deles, seguida de frustração e derrota na relação consigo mesmo.

SEGUNDO

Uma outra fonte de dificuldades está na motivação que tenho para trilhar o caminho espiritual. Quero ser útil a uma causa nobre, coisa que ampliará a ligação com minha alma espiritual? Ou o meu sonho é, mais precisamente, ser visto e aplaudido como um sábio?

Alcançar o conhecimento divino significa trilhar o caminho da renúncia e enfrentar o sofrimento que os sábios enfrentam. Para estudar este ponto tão esquecido, vale a pena reler o Novo Testamento e estudar as vidas de Helena Blavatsky e de São Francisco de Assis, entre outros.

Ou talvez eu prefira ser aplaudido e elogiado, como os que priorizam construir a Aparência de Santos.

No afã neurótico por parecer muito espirituais perante si mesmos, os desinformados fogem do esforço necessário ao autoaperfeiçoamento. Esta ilusão leva à má vontade recíproca. O perigo é real. Cabe observar serenamente os sentimentos de amizade e inveja, de cooperação e desarmonia, de competição e admiração, de gratidão e boa vontade, que unem os membros de um âmbito de estudos teosóficos.

Pensar mal do colega de caminhada é uma desculpa para não melhorar a si mesmo. Pensar bem dos outros nos coloca na obrigação moral de sermos melhores, hoje, do que fomos ontem; e sermos melhores, amanhã, do que somos hoje.

A purificação interna ocorre através da autodisciplina e é uma tarefa prévia inevitável para a obtenção de algum conhecimento verdadeiro.

A tarefa da autopreparação não pode nem deve ser feita de um dia para o outro. Mas ela pode ser começada a qualquer momento. E merece toda a concentração e a persistência de que o peregrino seja capaz.

Aquele que desqualifica os seus colegas de caminhada - ainda que o faça “apenas em pensamento” - está na verdade desqualificando a si próprio. De outro lado, aquele que qualifica os seus colegas e vê neles as sementes saudáveis da sabedoria eterna está ao mesmo tempo qualificando a si mesmo para trilhar etapas mais avançadas do caminho da verdade.

NOTA:

[1] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, editadas por C. Jinarajadasa, Editora Teosófica, Brasília, 1996, 296 pp., ver Carta 3, da Primeira Série, pp. 24-25.

Meditação Pelos Meus Colegas de Aprendizagem



Om. Shanti.

Penso nas qualidades positivas de cada um dos meus colegas de caminhada filosófica, haja ou não um convívio direto com eles.

Agradeço a todos, um por um, tanto quanto possível.

Enxergo com clareza o meu dever moral para com os seres com quem me relaciono.

O pensar positivo em relação a cada colega é diferente do pensar positivo em relação aos outros, e requer um tipo específico de foco.

Lanço impessoalmente a luz branca do meu eu superior sobre as relações de cooperação e amizade construídas em torno de um compromisso comum com a busca da sabedoria.

Concentro-me, sem ingenuidade, no que é bom e essencial dos meus irmãos e irmãs. O pensamento no positivo faz crescer o que é positivo. Isso não significa que não haja rigor recíproco quando necessário.

Os colegas não existem apenas para ajudar o aprendiz através de estímulos positivos e pensamentos otimistas. Também ajudam testando a sua força e mesmo cometendo injustiças contra ele. São úteis quando parecem não entendê-lo.

A vida ensina o estudante através de tudo o que a vida coloca diante dele. Não há amigos ou inimigos pessoais, ensina o livro “Luz no Caminho”: todos os seres são instrutores do peregrino.

A prática da boa vontade fraterna é parte do compromisso com as Fontes do ensinamento. E o peregrino precisa preservar sua relação com estas Fontes, se pretende beneficiar-se de uma aprendizagem verdadeira. Om, Shanti. Om.

000

A Força Espiritual de Manuel Bernardes



Antônio Vieira, esquerda, e Manuel Bernardes

Nem todos os que são famosos são importantes, e nem todos os que são importantes são famosos.

Manuel Bernardes não é, hoje, um best-seller. Mas Antônio Vieira, muito bem conhecido, é sabidamente um dos maiores nomes da literatura lusófona de todos os tempos.

Conta-se tradicionalmente que quando Vieira estava já próximo à morte - na Bahia, em 1697 - ouviu entre os que o rodeavam alguém dizer que, depois dele, a língua portuguesa ficaria desamparada. Mesmo débil, Vieira reuniu forças para dizer aos amigos que, *enquanto estivesse vivo o padre Manuel Bernardes, ninguém precisava preocupar-se “com esta formosa língua”*. [1]

De fato, precursor do Iluminismo e amigo da sabedoria divina, Manuel Bernardes tem livros extremamente úteis sobre a arte de viver. Graças à lei dos ciclos, é possível que suas obras sejam outra vez valorizadas no século 21.

Antônio Vieira, por sua vez, nasceu em 1608 e passou grande parte da sua vida no Brasil. Foi um jesuíta atípico, de pensamento independente. Considerado herege, amigo de indígenas e judeus, alimentando ideias messiânicas e ousando defender a ética na política, Vieira esteve preso durante anos nos cárceres da Inquisição.

Já Manuel Bernardes (1644-1710) pertenceu à Congregação do Oratório, linhagem de pensadores opostos aos jesuítas. Os oratorianos estimulavam o pensamento independente e eram amigos da filosofia platônica e clássica. Suficientemente prudente para não desafiar o

autoritarismo do Vaticano, Manuel Bernardes foi um verdadeiro aliado da causa da humanidade.

NOTA:

[1] Do livro “Padre Manoel Bernardes, Excerptos”, trechos reunidos por Antonio Feliciano de Castilho em dois volumes, B.L. Garnier Editor, Rio de Janeiro, 1865, Tomo Segundo, pp. 281-282.

Um Monge Vegetariano Enfrenta Situação Difícil



Casado ou não, o teosofista e o estudante sério de filosofia estão convidados a levar uma vida parecida com a vida dos monges. Ou seja, uma existência pautada por um ideal que derrota e afasta a rotina materialista.

E há necessidade de discernimento: a vestimenta não faz o monge. A aparência não garante coisa alguma. É na alma que se constrói o compromisso.

Manuel Bernardes conta uma história interessante sobre de que modo um religioso vegetariano enfrentou as pressões e chantagens sociais para que comesse carne e fosse “simpático com as pessoas”.

O monge pertencia ao mosteiro Cavense, na Itália. Na época, as viagens eram feitas a pé.

Diz o relato:

“Caminhando este monge, sucedeu hospedar-se em casa de um secular, onde se preparavam as coisas necessárias para um convite por causa de certa festa. Este lhe rogou muito que se sentasse com os demais convidados e aceitasse comer carne. Desculpou-se o monge citando a Regra do seu Mosteiro que lho proibia; porém ele e outros amigos tanto instaram até que o

venceram. Chegando pois cansado daquele lugar ao lugar do convite, quis dilatar-se um pouco, e logo adormecido sonhou que lhe aparecia o seu abade (que era então S. Pedro Cavense, terceiro prelado daquela congregação), o qual, com rosto irado, lhe dizia: ‘Por que assentiste tão depressa a quem te enganou? Isto é o que ordena a Regra, que os religiosos enviados à jornada possam comer carne?’ Ele reconhecia a culpa, e logo o santo mandou despir, e o açoitou. Neste tempo acordando, achou os sinais dos açoites na carne. Chegada depois a hora do convite, negou-se ao que tinha prometido; instavam os seculares, e ele respondeu: ‘Recebi açoites pela carne, que eu ainda não tinha comido! Que vos parece que será pelo comer? A vossas mercês custa-lhes a carne da sua bolsa; a mim custa-me do meu corpo’.” [1]

A moral de história é que já no século 17 uma pessoa precisava ter força interior para manter uma decisão de ser vegetariano.

O consumo de carne ameaça a vida dos animais e dos humanos, tanto espiritual como fisicamente. No entanto, o vegetarianismo tem os seus desafios. Manuel Bernardes tira três conclusões principais da história do monge que quase comeu carne.

Em primeiro lugar, o monge ou teosofista deve “ficar no seu lugar”, ou seja, cabe evitar ambientes e situações em que os seus votos e seus compromissos espirituais serão desafiados desta ou daquela maneira.

Assim poupará energia.

Em segundo lugar, quando sair do seu “mosteiro” ou do ambiente cujo magnetismo lhe é favorável, o estudante de filosofia precisa aumentar a autovigilância. Se colocar a sua luz espiritual demasiado perto do mundo, ela se apagará. Fora do seu chão, o magnetismo misturado trará instabilidades.

Em terceiro lugar, aparecendo algum desafio difícil de enfrentar, o estudante de filosofia (ou monge) não deve acovardar-se. O caminho espiritual não é para os fracos ou mornos. É seu dever ser tão firme quanto necessário.

Em quarto lugar, o castigo ou penitência pelo erro - inclusive antes que ele se materialize - é excelente para todo peregrino. Porque prevenir é melhor do que remediar, assim como remediar é muito melhor do que persistir no fracasso, seja o fracasso grande ou pequeno. Não há nada melhor que a ação correta, para preparar um futuro saudável. (CCA)

NOTA:

[1] “Nova Floresta”, de Manuel Bernardes, Lello & Irmão Editores, Porto, Portugal, sem data, Tomo II, 422 pp., ver p. 27. A obra completa tem cinco volumes. As quatro conclusões tiradas por M. Bernardes do episódio são expostas em detalhes entre a página 27 e a página 32. Na citação das palavras de Bernardes, adaptei quando necessário os termos à linguagem usada no século 21. (CCA)

000

Sobre os obstáculos vencidos pelos vegetarianos, veja também “[A Metamorfose de um Funcionário Público](#)”.

000

O Místico e o Imperador



Otão II, que viveu entre os anos de 955 e 983

Lendo as Cartas dos Mahatmas, podemos compreender de que modo o teosofista bem informado vê os líderes políticos e avalia os chefes de estado.

“Para nós”, diz um mestre de sabedoria, “um lustrador de botas honesto é tão bom quanto um rei honesto, e (...) um varredor de ruas *imoral* é muito melhor e mais desculpável que um imperador *imoral*.”[1]

Este é o ponto de vista da ética e da sabedoria.

Na mesma linha, o pensador Manuel Bernardes conta um episódio envolvendo um imperador romano-germânico do século X:

“O imperador Otão II, desejoso de conhecer de vista a S. Nilo, abade, de cuja fama célebre estava naquele tempo cheia a cristandade, o veio finalmente descobrir em um retiro junto a Nápoles. E, havendo gastado com ele boa parte do dia, lhe disse, à despedida: *‘Padre, estimarei [que] me deis oportunidade de fazer algum bem a vós ou a vossos discípulos: vede que coisa será mais do vosso agrado ou conveniência, que a farei prontamente’*.”

“Respondeu o santo: Que de nada necessitava. Porém, instando mais o imperador, lhe pôs a mão no peito, dizendo: *‘Nenhuma outra coisa vos peço, Senhor, que cuideis, dentro das vossas possibilidades, de salvar a alma, que aqui tendes encerrada e de que haveis de dar a Deus estreita conta, como eu da minha’*.” [2]

O poder mundano, seja político, econômico ou social, tem a mesma profundidade de um verniz sobre a madeira. O verniz ou a tinta não podem dar resistência à madeira. Nas questões

importantes da vida, o poder que interessa é o poder da alma, que é o poder da sinceridade consigo mesmo e com os outros.

NOTAS:

[1] “Cartas dos Mahatmas”, Ed. Teosófica, Brasília, edição em dois volumes, ver volume I, Carta 29, p. 158.

[2] Desde um ponto de vista teosófico, “Deus” aqui significa o eu superior: ao final de cada encarnação, o eu inferior é “julgado” ou avaliado pelo seu eu superior, sua alma espiritual, de acordo com a Lei, antes de começar a jornada do pós-morte rumo ao Devachan. A passagem de Manuel Bernardes está na sua obra em cinco volumes intitulada “Nova Floresta”, Lello & Irmão Editores, Porto, Portugal, sem data, ver volume I, p. 102.

000

O Mistério da Confiança na Lei

O padre Manuel Bernardes, nascido em 1644, escreveu numerosos textos teosóficos em conteúdo, embora necessitem uma certa tradução para a linguagem de hoje.

Em alguns casos vale a pena ler suas palavras duas vezes. Primeiro, literalmente. Depois, em linguagem atualizada. Assim as ideias são melhor registradas na consciência do estudante.

Diz Manuel Bernardes, na linguagem clerical de três séculos atrás:

“Dos justos e fervorosos no serviço de Deus, diz o Livro dos Provérbios que o seu andar é ganhando caminho para diante (Prov. 4, 18). Pelo contrário, dos frouxos e inconstantes, diz o Livro de Job que andam em vão; porque os seus caminhos se revoltam à roda sobre si mesmos (Job 6, 18); Porque aqueles, como executam o bem que propuseram, sempre vão fazendo novos progressos no caminho da virtude; e estes, como tudo se lhes vai em intenções e desejos, sem saírem em obras, neste ano estão onde o ano passado estavam, que é verdadeiramente andar em vão; pois, levantando o pé para dar o passo, tornam a assentá-lo donde o levantaram (S. Gregório, T. Moral 18). Esta miséria de nossa natureza frágil e inconstante em propor e não executar, conceber desejos e não parir obras, sendo por uma parte tão geral, por outra tão danosa, parece conveniente especular-lhe as causas para lhe aplicarmos os remédios proporcionados.”

E vejamos o mesmo parágrafo, com linguagem adaptada para o ambiente teosófico do século 21:

“Dos que são justos e fervorosos no serviço do mundo divino, diz o Livro dos Provérbios que o seu andar é ganhando caminho para diante (Prov. 4, 18). Pelo contrário, dos frouxos e inconstantes, diz o Livro de Jó que andam em vão; porque os seus caminhos se perdem dando voltas em torno de si mesmos (Jó 6, 18). Pois os justos, como executam o bem que propuseram, sempre vão fazendo novos progressos no caminho da virtude; e os inconstantes, como tudo se lhes vai em intenções e desejos, sem saírem em obras, no ano atual estão onde estavam no ano passado, o que é verdadeiramente andar em vão; pois, levantando o pé para dar o passo, tornam a assentá-lo ali de onde o levantaram (S. Gregório, T. Moral 18). Esta miséria de nossa natureza frágil em propor e não executar, em conceber desejos e não realizar

obras, é de um lado tão geral, e de outro lado tão danosa, que parece ser conveniente investigar as suas causas para aplicarmos os remédios adequados.”

Temos aqui a fundamental relação entre as metas e as ações, que pode ser uma relação de coerência ou não. Um fio de integridade deve unificar o ideal, o pensamento, as emoções e as ações de cada peregrino.

Vejam agora o segundo parágrafo, nas palavras literais de Manuel Bernardes. Ele diz o seguinte sobre as causas do problema:

“Primeiramente procede este mal, de que o homem se fia muito de si e pouco de Deus; e não é maravilha que a casa fundada em rocha permaneça, e a fundada em areia se arruine. E como Deus nos quer dar a conhecer nossa fraqueza, para que não fiemos de nós, e o melhor modo de a conhecermos é a experiência repetida e palpável do nada que podemos; por isso ele nos deixa e nós faltamos. Exemplo desta verdade foi o Apóstolo S. Pedro. Fiado em si, propôs e afirmou que ainda que todos negassem a Cristo, ele não o negaria. Eis aqui o fundar em areia. Entrou na ocasião e negou três vezes. Eis aqui o cair a casa. Porém sobre estas ruínas, se edificou mais seguramente a sua humildade.” [1]

E na linguagem adaptada para o mundo do século 21:

“Primeiramente procede este mal do fato de que o homem se fia muito de si e pouco da lei divina; e não é para estranhar que a casa fundada em rocha permaneça, e a fundada em areia se arruine. E como a lei divina nos quer dar a conhecer nossa fraqueza, para que não nos fiemos de nós, e como o melhor modo de a conhecermos é a experiência repetida e palpável do nada que podemos, por isso a Lei nos deixa agir e nós erramos. Exemplo desta verdade foi o Apóstolo S. Pedro. Fiado em si, propôs e afirmou que ainda que todos negassem a Cristo, ele não o negaria. Eis aqui o fundar em areia. Chegou a ocasião e ele negou três vezes o Mestre. Eis aqui o cair a casa. Porém sobre estas ruínas, se edificou mais seguramente a sua humildade.”

A passagem contém um alerta severo para que cada um evite a crença cega e não confie demasiado no clero ou nas igrejas dogmáticas. Crer cegamente em si mesmo é outra garantia de fracasso: a humildade protege o caminhante, ao lado da confiança e do bom senso.

Quanto a seitas e igrejas, se o próprio São Pedro foi o primeiro a negar o Mestre - segundo o alerta feito nos Evangelhos - o que se pode esperar das hierarquias eclesiásticas, dois mil anos depois?

O raciocínio vale perfeitamente para o movimento teosófico e esotérico no século 21. Falsos gurus não são difíceis de encontrar. Discernimento é fundamental. O idealismo e o realismo precisam andar juntos para que haja progresso de fato. Os ensinamentos espirituais devem guiar toda a vida diária de cada um. A moderação e o espírito crítico são inseparáveis da atitude construtiva.

NOTA:

[1] “Luz e Calor”, Padre Manuel Bernardes, Lello & Irmão Editores, Porto, Portugal, 1991, edição em dois volumes, ver volume I, pp. 1-2.

Santo António de Lisboa: **O Tabernáculo da Consciência**

Os soldados em armas costumam desde a sua tenda combater os inimigos e por estes ser combatidos. Também o justo, colocado na linha de batalha, é combatido enquanto combate; daí o dizer-se:

“O inimigo que bem combate torna-te bom combatente.”

O justo [tem] o tabernáculo do *testemunho*. Tem bom testemunho, não só dos de fora, nem sempre verdadeiro, mas também de si mesmo. A sua glória é o testemunho da própria consciência, não de língua alheia.

(Santo António de Lisboa e Pádua)

[Reproduzido de “Obras Completas”, Santo António de Lisboa, edição em dois volumes, Lello & Irmão, Editores, Porto, Portugal, 1987, ver volume I, p. 136.]

000

A Igreja Que se Deve Frequentar

Os místicos cristãos e teosofistas sabem que o indivíduo sensato visita o seu templo diariamente, e que o seu templo é a sua própria alma pessoal.

Assim como o templo de Salomão, o templo do peregrino teosófico e filosófico é construído sem barulho. Não há nesta obra a necessidade de paredes físicas, nem de marteladas audíveis.

Suas paredes são os bons hábitos. Seus tijolos, as boas ações.[1] O cimento, que une todas as coisas, é a intenção nobre. As janelas, a visão correta. O teto, a humildade. O chão, a decisão de buscar o Supremo.

Quando a alma pessoal está pronta, os seres divinos aproximam-se.

A divindade no templo é a alma imortal, é a inteligência celeste, una e múltipla, é a Lei do universo.

NOTA:

[1] As ações, sendo tijolos, devem ser regulares, estáveis, firmes, tão uniformes quanto possível.

Ideias ao Longo do Caminho

Um Deserto Desagradável Pode Libertar o Peregrino do Mundo Estreito das Coisas Pequenas



- * O excesso de mudanças externas impede reunir magnetismo suficiente para que se gere bem-estar.
- * Uma certa estabilidade no mundo das formas permite que estejamos em paz.
- * Ações lentas tornam mais fácil vencer sentimentos ansiosos e construir situações duráveis. A pressa é um hábito doentio. As árvores e o silêncio ensinam a arte da paz.
- * A repetição diária de alguns atos de autodisciplina básica permite produzir força magnética suficiente. Algumas renúncias são necessárias.
- * Manter um ritmo de prática espiritual diária expande a força de vontade e cria um bem-estar interior abençoado. Assim se alcança a firmeza apesar da mudança constante de parte das circunstâncias externas.

A Água no Deserto

* Em sermão incluído nas suas Obras Completas, o franciscano pioneiro Santo Antônio de Lisboa e Pádua examina um tema importante para a mística cristã; a realidade do deserto espiritual e psicológico e os desafios que ele apresenta ao peregrino. [1]

* O tema é também teosófico.

* No caminho da sabedoria esotérica, a visão do deserto talvez seja um pouco mais otimista, mas é igualmente rigorosa. O peregrino precisa enfrentar o vazio do mundo materialista e “bradar no deserto” como João Batista. Ou seja, deve dar o seu testemunho e desafiar os

moinhos de vento como mais um Quixote. É natural que questione a ignorância organizada, partilhando sua busca e sua experiência.

* O peregrino avança “sozinho”. Persevera no rumo certo em meio a testes e provações. Ele enfrenta “a solidão no deserto” em mais de um sentido, em momentos difíceis da vida. Precisa tomar decisões firmes em circunstâncias áridas.

* Mas o deserto é também imenso, e sendo imenso liberta o peregrino do mundo das coisas pequenas.

* O oceano de areia é oceano, isto é, traz uma experiência de grandeza e liberdade. O peregrino espiritual deve ser “uma pedra no deserto”, ou seja, é seu privilégio ter e manter uma decisão firme. Ele pode construir um poço de água potável no ambiente árido, tornando mais fácil a formação de um oásis.

* Ele sabe que a fonte de água pura e o oásis devem ser construídos, sobretudo, em sua própria alma.

NOTA:

[1] “Obras Completas”, Santo Antônio de Lisboa, edição em dois volumes, bilingue em latim e português, Lello & Irmão, Editores, Porto, Portugal, 1987, ver volume I, pp. 80 a 85. Santo Antônio de Lisboa e Pádua nasceu entre 1190 e 1195 e viveu até 1231. Em Portugal seu nome é escrito com acento agudo, e não circunflexo: “António”.

000

O Compromisso dos Jornalistas

Um Juramento Exemplar na Universidade de Blumenau

Aquele que trabalha com comunicação social tem muito a ganhar por agir à altura do seu dever ético. O jornalista e o comunicador que agem de maneira sincera preservam a sua dignidade interior e dão prestígio ao que escrevem.

No entanto, nem todo comunicador social percebe que beneficia a si mesmo sendo ético. Diante da necessidade de garantir que a imprensa esteja a serviço da população, e não a serviço da manipulação mental, cabe dar a devida importância à formação ética e moral dos jornalistas. Um bom exemplo é dado pelos que se formam em jornalismo pela Universidade de Blumenau:

O Dever de Ser Honesto

“Prometo, no exercício da profissão de jornalista, assumir meu compromisso com a verdade e com a informação e empenhar todos os meus atos e palavras, meus esforços e meus conhecimentos para a construção de uma nação consciente de sua história e de sua capacidade. Prometo ainda, não omitir, não mentir e não distorcer informações, não manipular dados e, acima de tudo, não subordinar em favor de interesses pessoais o direito do cidadão à informação.” [1]

Um compromisso solene, feito com palavras claras, fortalece a vontade de ser honesto.

É recomendável que no futuro universidades de outras regiões adotem juramentos tão corretos quanto o de Blumenau.

Um compromisso semelhante deveria ser estabelecido - sobretudo perante a sua própria consciência, mas também perante os outros - por todo indivíduo que escreve ou publica textos e informações, em qualquer contexto.

(CCA)

NOTA:

[1] Juramento feito na Colação de Grau em Jornalismo na Universidade Regional de Blumenau, FURB, em Santa Catarina, Brasil.

000

Leia online o livro "[A Informação Solidária](#)".

000

O Caminho Espiritual na Prática: **Três Perguntas e Respostas**

1. A Vida é Injusta Com o Peregrino?

Uma pessoa que acompanha o trabalho da LIT escreve perguntando por que motivo o peregrino sofre injustiças no âmbito familiar e nas relações mais próximas, exatamente quando decide erguer-se acima do egoísmo e começa a trilhar o caminho da sabedoria. Ele não mereceria, ao tentar melhorar-se, o apoio das pessoas amigas?

Comentário:

Os testes cármicos, o preço duro a pagar por erguer-se acima da média da ignorância humana, vêm exatamente a cada um ali onde dói mais. A recompensa cármica pelo bem que se faz surge lentamente e durante muito tempo parece não vir, e quando vem de fato, vem de modo inesperado.

O preço a pagar, especialmente no início, parece ser pago à vista. Os testes são inesperados, e com frequência surgem como algo brutal. Cabe evitar as crises de curto prazo. O peregrino precisa erguer-se acima das circunstâncias, ser firme no que considera essencial e flexível no que considera secundário, e tirar lições do que ocorre. Muros caem, máscaras caem, a defesa é interior.

H.P. Blavatsky escreveu:

“A principal causa do sofrimento está na nossa busca perpétua do permanente no impermanente, e nós não só buscamos, mas agimos como se já tivéssemos encontrado o imutável em um mundo cuja única característica certa e que podemos proclamar é a constante mudança; e sempre, no momento em que nós pensamos que conseguimos estabelecer a nossa base sobre algo permanente, a situação muda diante de nós, e o resultado é o sofrimento.”

“Assim, a ideia de crescimento implica também a ideia de ruptura. O ser interno deve continuamente irromper através da sua casca ou revestimento limitador, e tal irrupção também deve ser acompanhada de sofrimento, não físico, mas mental e intelectual.”

“E é assim que as coisas funcionam, ao longo das nossas vidas. O problema que surge diante de nós é sempre exatamente aquele que nós sentimos como o mais difícil entre todos os problemas possíveis - e é sempre a única coisa que sentimos que não podemos suportar. Se olharmos para o problema desde um ponto de vista mais amplo, veremos que estamos tentando romper nossa casca no seu único ponto vulnerável; que o nosso crescimento, para ser um crescimento real e não o resultado coletivo de uma série de excrescências, deve avançar no mesmo nível em todos os aspectos, assim como cresce o corpo de uma criança, não primeiro a cabeça e depois uma mão, seguida talvez por uma perna, mas em todas as direções ao mesmo tempo, de modo regular e imperceptível. A tendência humana é cultivar cada parte separadamente, deixando de lado enquanto isso as outras partes. Cada sofrimento intenso é causado pela expansão de alguma parte deixada de lado, uma expansão que é tornada mais difícil pelos efeitos do estímulo colocado em outro lugar.”

“O mal é frequentemente o resultado de um excesso de ansiedade, e os seres humanos tentam sempre fazer coisas em excesso. Eles não aceitam deixar o bem em paz, fazendo apenas o que a situação exige e nada mais. Eles exageram cada ação e assim produzem carma que deve ser trabalhado em um renascimento futuro.” (Do texto “[O Progresso Espiritual](#)”, de [HPB.](#))

Quando o estudante eleva o seu ponto de vista, descobre que os “consensos” que pensava compartilhar aqui e ali se reduzem a pó. O tema é abordado no texto [A Queda dos Muros da Ilusão](#).

Diante destas dificuldades, muitos preferem não crescer. Ficam dentro dos limites da psicologia do rebanho, agindo instintivamente.

O estudante sensato evita tal covardia, mas tampouco cai na imprudência. Ele avança devagar, observando e aprendendo com tudo, e portanto caminha com segurança. A inteligência é rápida, mas as emoções têm que ser conduzidas devagar e com calma como se fossem crianças pequenas, salvo quando isso for impossível.

A turbulência emocional é adversária da aprendizagem. A coragem, temperada pela prudência, ajuda a fortalecer a calma.

2. O Conteúdo da Sopa Alquímica

Como se pode separar ou diferenciar o carma individual do carma coletivo? Como ele se diferencia, se todas as almas vêm de uma Única Fonte?

Comentário:

Não há separação entre carma individual e carma coletivo, seja ele de um grupo, de uma família, cidade, país, ou da humanidade. Não existe separação, mas há distinção e individualidade, assim como os diferentes componentes de uma sopa não podem ser vistos como separados, mas têm um grau significativo de relativa independência.

Alguns textos sobre o tema, que podem ser úteis, estão listados [aqui](#): [A Reencarnação e a Lei do Carma](#)

O carma acumulado de cada ser humano é uma espécie de sopa alquímica viva, preparada a longo prazo, sempre “ao fogo”. Cabe ir tirando dela os componentes menos úteis e colocando novos elementos mais úteis.

3. A Questão dos Poderes Psíquicos

Com frequência recebemos mensagens e testemunhos de leitores amigos que estão às voltas com vários tipos de sensibilidades astrais, incluindo telepatia indesejada, e pedem ajuda.

Comentário:

É nosso dever deixar claro a todos que os poderes astrais inferiores perturbam a alma de modo lamentável, e fazem isso inclusive estimulando a vaidade, porque a pessoa pensa que vê coisas extraordinárias.

As sensibilidades superficiais e sem discernimento criam confusão nas percepções da alma. Provocam tempestades em copo d’água. Os “siddhis” ou poderes inferiores são doenças da infância espiritual. A cura destas perturbações ocorre através do fortalecimento da vontade, que impede a invasão da consciência individual por forças astrais ilusórias e alheias. Trata-se de impedir que o lixo astral contamine a mente.

Para isso, o estudante deve purificar e elevar o foco de consciência até entrar em sintonia com as forças espirituais superiores, que não provocam ruído desnecessário e preferem agir em silêncio. O peregrino pode fazer isso sem perder a paz interna, preservando tanto o autocontrole como o sentido de autorresponsabilidade, em meio às inevitáveis provações.

Estes textos são úteis:

- * [Para Fortalecer a Vontade.](#)
- * [Nem Tudo Que é Oculto é Espiritual.](#)
- * [Sobre o Uso de Poderes Psíquicos.](#)
- * [Os Poderes Latentes da Consciência.](#)

O novo universo em que penetrávamos era principalmente composto de sóis vermelhos, rubis e granadas. Muitos tinham absolutamente a cor do sangue.

Sua travessia foi uma verdadeira fulguração. Corríamos rapidamente de sol em sol, mas incessantes comoções elétricas nos atingiam, à semelhança dos clarões de uma aurora boreal. Que estranhos estádios, esses mundos iluminados unicamente de sóis rubros! Depois, em um distrito desse universo, notamos um grupo secundário, composto de grande número de estrelas cor-de-rosa e outras azuis. De súbito, precipitou-se em nosso rumo, e nos envolveu, um enorme cometa, cuja extremidade dianteira semelhava uma goela colossal. Aconcheguei-me com terror à ilharga da deusa, que durante um momento desapareceu da minha vista em luminosa névoa. Mas nos tornamos a encontrar em escuro deserto, pois que esse segundo universo se afastara igual ao primeiro.

- A Criação, disse-me ela, se compõe de um número infinito de universos distintos, separados uns dos outros por abismos de nada.

- Um número *infinito*?

- Objeção matemática, replicou. Sem dúvida, um número, por muito grande que seja, não pode ser presentemente infinito, pois que, pelo pensamento, se pode aumentá-lo sempre de uma unidade, ou mesmo duplicá-lo, triplicá-lo, centuplicá-lo. Lembra-te, porém, de que o momento atual não é mais do que uma porta por onde o futuro se precipita para o passado. A eternidade não tem fim, e o número dos universos será, ele também, sem fim. Além disso, as estrelas, os sóis e os universos não formam um - *número*. Eles são, por melhor dizer, sem número. Olha! Vês ainda, sempre e por toda parte, novos arquipélagos de ilhas celestes, novos universos.

- Parece-me, oh Urânia! que há muito tempo já, e com grande velocidade, estamos subindo no céu sem limites!

- Poderíamos *sempre* subir assim, respondeu ela, sem jamais atingir um limite definitivo. Poderíamos vogar para a esquerda, para a direita, para a frente, para trás, para baixo, para não importa qual direção, e jamais, em parte nenhuma, depararíamos uma fronteira... Nunca, nunca um fim. Sabes onde estamos? Sabes que caminho temos percorrido? Estamos... no vestibulo do Infinito, tal qual o estávamos na Terra. *Não temos avançado um único passo!*

Grande comoção se apoderara do meu Espírito. As últimas palavras de Urânia tinham-me penetrado até à medula, qual calafrio glacial. “Nunca um fim, nunca, nunca!”, repetia eu. E não podia dizer, nem pensar outra coisa. Entretanto, a magnificência do espetáculo reapareceu a meus olhos e o aniquilamento cedeu lugar ao entusiasmo.

- A Astronomia! exclamei. É tudo! Saber estas coisas! viver no infinito. Oh Urânia! Que é o resto das ideias humanas perante a Ciência! Sombras, fantasmas!

- Oh! disse ela, tu vais despertar na Terra, tu admirarás ainda, e legitimamente, a ciência de teus mestres; mas, fica sabendo: a Astronomia atual das suas Escolas e dos Observatórios, a Astronomia matemática, a bela ciência dos Newton, dos Laplace, dos Le Verrier, não é ainda a ciência definitiva.

“Não está lá, meu filho, o fim que busco desde os dias de Hiparco e de Ptolomeu. Vê esses milhões de sóis análogos àquele que dá vida à Terra e, tal qual ele, fontes de movimento, de atividade e de esplendor; pois bem, é esse o objeto da ciência futura: o estudo da *vida universal e eterna*. Até hoje, não se há penetrado no templo. Os algarismos não são um fim, mas um meio; não representam o edifício da Natureza, mas os métodos, os andaimes. Vais assistir à aurora de um novo dia. A Astronomia matemática vai ceder o lugar à Astronomia física, ao verdadeiro estudo da Natureza.

“Sim, acrescentou, os astrônomos, que calculam os movimentos aparentes dos astros na sua passagem de cada dia pelo meridiano; os que anunciam a chegada dos eclipses, dos fenômenos celestes, dos cometas periódicos; os que observam com tanta atenção as posições exatas das estrelas, dos planetas de vários graus da esfera celeste; os que descobrem os cometas, os planetas das estrelas variáveis; os que buscam e determinam as perturbações produzidas nos movimentos da Terra, pela atração da Lua e dos planetas; os que consagram suas vigílias à descoberta dos elementos fundamentais do sistema do mundo; todos, observadores ou calculistas, são os preparadores de materiais, precursores da nova Astronomia. São imensos trabalhos, labores dignos de admiração, transcendentais obras que põem em evidência as mais elevadas faculdades do espírito humano. Mas é o exército do passado. Matemáticos e geômetras. Doravante o coração dos sábios vai pulsar por uma conquista mais nobre ainda. Todos esses grandes Espíritos, estudando o céu, não têm na realidade saído da Terra. O fim da Astronomia não é mostrar a situação aparente de pontos brilhantes, nem pesar pedras em movimentos no Espaço, nem nos fazer conhecer com antecedência os eclipses, as fases da Lua ou as marés. Tudo isso é belo, mas insuficiente.

“Se a vida não existisse na Terra, este planeta seria absolutamente destituído de interesse para qualquer espírito que fosse, e a mesma reflexão se pode aplicar a todos os mundos, que gravitam em torno de milhares de sóis, nas profundezas da imensidade. A vida é o fim da Criação inteira. Se não houvesse vida, nem pensamento, tudo isto seria como que nulo e não acontecido. A Criação é um poema, do qual cada letra é um sol. Estás destinado a assistir a uma completa transformação da Ciência. A matéria vai ceder lugar ao Espírito.

- A vida universal! disse eu. Os planetas do nosso sistema solar serão todos habitados? ... São habitados os milhares de mundos que povoam o infinito? ... Essas Humanidades assemelham-se à nossa? ... Conhecê-las-emos algum dia? ...

- A época em que vives na Terra, a própria duração da Humanidade terrestre não é mais do que um momento na eternidade.

Não compreendi essa resposta às minhas perguntas.

- Nenhuma razão há, acrescentou Urânia, para que todos os mundos sejam habitados *agora*. A época presente não tem mais importância do que as precedentes ou as que se hão de seguir.

“A duração da existência da Terra será muito mais longa - talvez dez vezes mais longa - do que a do seu período vital humano. Em uma dezena de mundos, tomados ao acaso na imensidade, poderíamos, por exemplo, conforme os casos, achar apenas um atualmente habitado por uma raça inteligente. Uns o foram outrora; outros sê-lo-ão no futuro; estes se acham em via de preparação, aqueles têm percorrido todas as suas fases; aqui, berços; além, túmulos; e depois, uma variedade infinita se revela nas manifestações das forças da Natureza, não sendo a vida terrestre de modo algum o tipo da vida extraterrestre. Seres podem viver, em

organizações inteiramente diversas das conhecidas no vosso planeta. Os habitantes dos outros não têm a vossa forma, nem os vossos sentidos. São outros.

“Dia virá, e muito proximamente, pois que estás chamado a vê-lo, em que o estudo das condições da vida nas diversas províncias do Universo será o objeto essencial - e o grande encanto - da Astronomia. Bem depressa, em vez de se ocuparem simplesmente com a distância, com o movimento e com a massa material dos vossos planetas vizinhos, os astrônomos descobrir-lhe-ão a constituição física, os aspectos geográficos, a climatologia, a meteorologia; penetrarão o mistério da sua organização vital e discutirão a respeito dos respectivos habitantes. Afirmarão que Marte e Vênus se acham atualmente povoados de seres pensantes; que Júpiter está ainda no seu período primário de preparação orgânica; que Saturno plana em condições inteiramente diferentes das que presidiram ao estabelecimento da vida terrena, e, sem jamais passar por estado análogo ao da Terra, será habitado por seres incompatíveis com os organismos terrestres. Novos métodos farão conhecer a constituição física e química dos astros, a natureza das atmosferas. Instrumentos aperfeiçoados permitirão mesmo descobrir os testemunhos diretos da existência dessas Humanidades planetárias, e pensar em estabelecer comunicação com elas. Eis a transformação científica que há de assinalar o fim do décimo-nono século e que há de inaugurar o vigésimo”.

Eu escutava, enlevado, as palavras da Musa Celeste, que iluminavam para mim, com luz inteiramente nova, os destinos da Astronomia, e me inundavam de ardor mais vivo ainda. Tinha sob os olhos o panorama dos mundos inumeráveis que rolam no Espaço, e compreendi que o fim da Ciência devia ser tornar conhecidos esses longínquos universos, fazer-nos viver nesses horizontes imensos. A formosa deusa continuou:

- A missão da Astronomia será mais elevada ainda. Depois de vos haver feito sentir e dado a conhecer que a Terra não é mais do que uma cidade na pátria celeste, e que o homem é cidadão do céu, irá mais longe. Descobindo o plano sobre o qual o universo físico está construído, mostrará que o universo moral se acha alicerçado sobre esse mesmo plano; que os dois mundos não formam senão um mesmo mundo, e que o Espírito governa a Matéria. O que ela houver feito quanto ao Espaço, realizará quanto ao Tempo. Depois de haver apreciado a imensidade do Espaço, e reconhecido que as mesmas leis reinam simultaneamente em todos os lugares, e fazem do imensurável Universo uma exclusiva unidade, sabereis que os séculos do passado e do futuro estão associados ao tempo presente, e que as mônadas pensantes viverão eternamente, por transformações sucessivas e progressivas; aprendereis que há Espíritos incomparavelmente superiores aos maiores Espíritos da Humanidade terrestre, e que tudo progride para a perfeição suprema; ficareis sabendo também que o mundo material não é mais do que uma aparência e que o ser real - consiste em uma força imponderável, invisível e intangível.

“A Astronomia será, pois, eminentemente e antes de tudo, a diretriz da Filosofia. Os que raciocinarem fora dos conhecimentos astronômicos, ficarão à margem da Verdade. Os que, fiéis, seguirem o seu fanal, irão subindo gradualmente na solução dos grandes problemas.

“A filosofia astronômica será a religião dos espíritos superiores.

“Deves assistir, acrescentou ela, a essa dupla transformação da Ciência. Quando deixares o mundo terrestre, a ciência astronômica, que tão legitimamente já admiras, estará de todo renovada, tanto na forma quanto na essência.

“Isso, porém, não é tudo. A renovação de uma ciência antiga pouco serviria ao progresso geral da Humanidade, e se esses sublimes conhecimentos, que desenvolvem o Espírito, iluminam a Alma e a libertam das mediocridades sociais, ficassem encerrados no acanhado círculo dos astrônomos de profissão. Esse tempo vai passar também. O alqueire deve ser entornado. Cumpra empunhar o facho, aumentar-lhe o fulgor, levá-lo às praças públicas, às ruas populosas, até às mais escusas vielas. Todo o mundo é chamado a receber a luz; estão todos sequiosos dela, principalmente os humildes, principalmente os deserdados da fortuna, pois esses pensam mais, estão ávidos de ciência, enquanto os satisfeitos do século nem suspeitam da sua própria ignorância, e têm quase orgulho em permanecer assim. Sim, a luz da Astronomia deve ser espalhada pelo mundo; deve penetrar até as massas populares, iluminar as consciências, elevar os corações. E será essa a sua mais bela missão; será esse o seu benefício.”

000

Reproduzido do livro “**Urânia**”, de Camille Flammarion, Federação Espírita Brasileira, tradução de Almerindo Martins de Castro, Copyright 1937, quarta edição, 197 pp., ver pp. 28-35. Digitação e revisão: Arnalene Passos do Carmo e Silvia Caetano de Almeida.

A ortografia do texto foi atualizada. Em alguns poucos casos, palavras foram adaptadas para a linguagem do século 21.

Camille Flammarion (1842-1925) foi espírita e membro do movimento teosófico enquanto Helena Blavatsky vivia. Seus escritos são elogiados em uma das Cartas dos Mahatmas.

000

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal dos websites associados.[1] Dia 07 de maio havia 2863 itens em nosso [acervo](#), dos quais 22 estavam em [francês](#), 1319 em [português](#), 1302 em [inglês](#) e 217 em [espanhol](#). Havia três textos em [italiano](#).

Os seguintes itens foram publicados entre 02 de abril e 07 de maio de 2021:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Thoughts Along the Road - 52** - *Carlos Cardoso Aveline*
2. **Medicina Blanca y Medicina Negra** - *Paul Carton* [livro]
3. **As Lições Que o Sofrimento Ensina** - *Paul Carton*
4. **La Lección del Sol en Tauro** - *Carlos Cardoso Aveline*
5. **Thoughts Along the Road - 51** - *Carlos Cardoso Aveline*
6. **Camões, Sobre o Amor Altruísta** - *Luís de Camões* [um poema]
7. **A Teoria Panthera Sobre o Nascimento de Jesus** - *Carlos Cardoso Aveline*
8. **A Prophecy on Judaism and Christianity** - *Carlos Cardoso Aveline*
9. **A Força Sagrada do Casamento** - *Carlos Cardoso Aveline*
10. **Uma Profecia Sobre o Judaísmo e o Cristianismo** - *Carlos Cardoso Aveline*
11. **Thoughts Along the Road - 50** - *Carlos Cardoso Aveline*

